



O convite

docênciartística

à



O convite

docênciartística

à

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
LICENCIATURA EM DANÇA

LARISSA PASCOAL DA SILVA SANTOS

O CONVITE À DOCÊNCIARTÍSTICA

APARECIDA DE GOIÂNIA
2022



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: *Larissa Pascoal da Silva Santos*

Matrícula: *20161090050069*

Título do Trabalho: *O comite à docência artística*

Autorização - Marque uma das opções

- ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG;
- ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____;
- ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG.

Ao indicar a opção **2** ou **3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
(_____) Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

Op. de Goiânia, 12/09/22.
Local Data

Flávia Perceal da Silva Santa
Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

LARISSA PASCOAL DA SILVA SANTOS

O CONVITE À DOCÊNCIARTÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de monografia, apresentado ao curso de Licenciatura em Dança, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Dança.

Orientadora: Profa. Ma. Rousejanny Ferreira

APARECIDA DE GOIÂNIA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237 Santos, Larissa Pascoal da Silva
O convite à docênciartística. / Larissa Pascoal da Silva Santos. -
Aparecida de Goiânia, 2022.
82 f.; il.

Orientadora: Me. Rousejanny Ferreira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de
Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia,
Licenciatura em Dança, 2022.

1. Docênciartística. 2. Identidade docente. 3. Arte no ensino médio. 4.
Experiências artísticas. I. Título.

CDD 707

Catalogação na publicação:
Thalita Franco dos Santos Dutra – CRB 1/2186



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

Termo de Aprovação

LARISSA PASCOAL DA SILVA SANTOS

O CONVITE À DOCÊNCIA ARTÍSTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Dança, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Dança, sob orientação da Prof.^a Rousejanny da Silva Ferreira.

Aprovado em 1º de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Rousejanny da Silva Ferreira

Presidente da banca / Orientador

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof.^a Cláudia Barreto

Membro Externo

Secretaria de Estado da Educação (Seduc)

Prof.^a Giovana Consorte de Souza

Membro Interno

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Aparecida de Goiânia – GO

2022

Documento assinado eletronicamente por:

- Giovana Consorte de Souza, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 08/02/2022 14:07:48.
- CLAUDIA CARDOSO BARRETO, CLAUDIA CARDOSO BARRETO - Outros - Secretaria de Estado da Educação de Goiás (01409705000120), em 08/02/2022 13:33:16.
- Rousejanny da Silva Ferreira, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 04/02/2022 07:21:01.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 27/01/2022. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 240214

Código de Autenticação: 601f6e1896



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Avenida Universitária Vereador Vagner da Silva Ferreira, Qd. 1, Lt. 1-A, Parque Itatiaia, APARECIDA DE GOIÂNIA / GO, CEP 74968-755
(62) 3507-5958 (ramal: 5985)

Aos artistas, estudantes e pesquisadores do Grupo de pesquisa em
Dança, Corpo Composto, que a partir dessa experiência,
independente do rumo de nossas andanças, saímos por aí
caminhando com os três pontos de apoio no pé.

AGRADECIMENTOS

Eu não ando só.

Primeiramente agradeço a Deus pela minha vida, e por ajudar-me a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso, e para finalização desse trabalho.

Agradeço a minha querida orientadora Rousejanny Ferreira, que com toda sua paciência, ou não, nunca desistiu de mim. Obrigada por cruzar a minha vida, obrigada por tudo e tanto. Eu te amo muito. Obrigada por compartilhar comigo tantos momentos de descobertas e aprendizado e por todo o companheirismo ao longo desse percurso.

Aos professores do curso que, através de seus ensinamentos, permitiram que eu pudesse hoje estar concluindo este trabalho; obrigada por desempenhar tal função com dedicação e amizade. Em especial, à Giovana Consorte pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer não somente como pessoa, mas também como professora de dança.

Aos meus pais, Alrisete e Márcio, a minha irmã Amanda e a todos os amigos e familiares que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Aos meus amigos Ysaías Cardoso, Clara Izabel, Hauany Aquino, Rafaela Pereira, Rita Isabela Gonçalves, pessoas com quem convivi ao longo desses anos de curso, que me incentivaram e que, certamente, tiveram impacto na minha formação acadêmica. A todos que participaram, direta ou indiretamente, do desenvolvimento deste trabalho de pesquisa, enriquecendo o meu processo de aprendizado. Em especial, para a maluca Aparecida Otaviano.

Ao amor da minha vida, Samuel Duarte, que nesse final foi essencial, jamais me negou apoio, carinho e incentivo; compreensivo nos momentos em que permaneci distante.

À instituição de ensino IFG – Aparecida de Goiânia, essencial no meu processo de formação profissional, obrigada por tudo o que aprendi ao longo dos anos de curso.



Arquivo pessoal: Gratidão, 2018.



Da entrega
O Teatro Mágico

Apoderar-se de si
Recombinando atos
Não sou quem estou aqui
Sou um instante passo
Cada um, cada qual
Resgatar o júbilo
Existir, ser plural
Repartir o acúmulo
Apoderar-se de si
Remediando passos
Convergir no olhar
Nosso brio e fúria
Conceber, conservar
Aguerrida entrega
Nesse nosso desbravar
Emanemo-nos amor
Até quando suceder
De silenciar
O que nos trouxe até aqui
Nada melhor virá

RESUMO

Esta pesquisa investiga e problematiza o território da identidade docênciartística que parte da memória autorreflexivo, provocando conhecimento a partir da temática da dança. Sob a perspectiva metodológica da autoetnografia me aventuro no exercício de me tornar objeto de estudo desta pesquisa. Na escrita das minhas experiências artísticas e estéticas me revelo, exponho e aceito o risco dessas ações, e me lanço de peito para frente. O ponto que me instiga nesta pesquisa é de que modo as minhas experiências artísticas e estéticas afetam minha formação, prática e identidade como professora de Dança, que permeiam as seguintes trajetórias: arte no Ensino Médio, grupo de dança Corpo Composto e Licenciatura em Dança, e como elas se cruzam e formam minha identidade docente em Dança. A estrutura do trabalho está sistematizada em convites, os grandes marcos a partir do recorte construído, os convites que me levaram à docênciartística. Nesse sentido, apresento a perspectiva da experiência como ponto importante na docência e como a arte atravessa e permite desvios formativos dessas trajetórias. É um alerta para pensar atravessamentos, problemas e potenciais da Dança na formação humana e uma busca por iniciativas do ensino da Dança com criação artística, experiência e fruição artística e estética.

Palavras-chave: docênciartística; identidade docente; arte no Ensino Médio; experiências artísticas.

ABSTRACT

This research investigates and problematizes the territory of the artistic-teaching, which identity starts from the self-reflective memory, awakening knowledge from the theme of dance. From the methodological perspective of autoethnography, I become adventurous in the exercise of being the object of study of this research in this writing of my artistic and aesthetic experiences, I reveal myself, expose myself and accept the risk of actions, and throw myself forward. The point that invites me to research is how my artistic and aesthetic experiences instigate my formation, practice and identity as a Dance teacher who, by average experience and how the following trajectories: art in High School, Dance Group, Corpo Composto and Degree in Dance and how trajectories intersect and form my teaching identity in Dance. The structure of the work is systematized in invitations, the major milestones from the cut built, the invitations that led me to artistic teaching. In this sense, I present the perspective of experience as an important birth and as art traversing trajectories, and as art traversing trajectories, and allowing deviations from trajectories. It is an alert to think about crossings, human problems and potential dance.

Keywords: teaching christianity; teacher identity; art in high school; artistic experiences.

LISTA DE SIGLAS

CC	Corpo Composto
FAC	Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás
IF	Instituto Federal
IFG	Instituto Federal de Goiás
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso

SUMÁRIO

Introdução.....	13
Panorama.....	16
O traço dos convites.....	24
Convite-desvio.....	32
Convite-gancho.....	46
Convite-armadilha.....	64
O selo dos convites.....	76
Considerações Finais.....	79
Referências.....	81

INTRODUÇÃO

Nesses períodos finais da graduação me perguntei: como encerrar esse ciclo? A partir do sexto período na disciplina Pesquisa em Arte e Metodologia de Pesquisa em Dança, quando fui obrigatoriamente provocada por essa disciplina a pensar no trabalho de conclusão de curso, foi necessário pensar e refletir sobre qual assunto abordar. Esse processo de escolha tende a ser bastante difícil, pois muitas vezes temos em mente assuntos que nos instigam e que, de alguma forma, perpassam nossa trajetória acadêmica ou até mesmo de vida, e que nos fazem ter o desejo de torná-los parte da nossa pesquisa. Eu me perguntei mais uma vez: como encerrar esse ciclo de formação em Dança? Confesso que o fim desse ciclo gerou perguntas sobre o processo. Quais foram os caminhos e descaminhos que me trouxeram até aqui? E se não fosse me apresentada essa possibilidade? E se não tivesse ingressado no curso de Licenciatura em Dança? E se os desvios do caminho não surgissem? E por que eles apareceram?

Entre idas e vindas durante a conclusão deste trabalho, a seguinte pergunta, por parte dos meus colegas da faculdade, amigos e familiares, era recorrente: sobre o que é seu TCC? Às vezes, eu entregava uma resposta bem rebuscada, e outras vezes eu só respondia: “É sobre mim”. O ponto de partida é meu umbigo sim, mas nós não ficamos somente aqui nas redondezas, afinal pesquisar está relacionado diretamente a uma vontade clara por parte do sujeito-pesquisador. Essa é a minha!

Como uma menina de 23 anos tem algum respaldo para fazer um TCC falando de suas experiências? Eu sei que talvez o leitor/leitora tenha pensado sobre isso, mas essa menina já viveu algumas experiências bastante intensas e significativas, não é mesmo? Você verá! Então, decidi repartir o acúmulo que me trouxe até aqui, pois era isso que pulsava em meu peito, falar dos convites que contribuíram para a identidade docênciartística da Larissa Pascoal.

Então, percebi que as condições da minha trajetória com a Dança desde o ingresso no IFG, a descoberta da Licenciatura em Dança até os dias atuais, eram uma inquietação dentro de mim, e que eu não poderia silenciar a minha aguerrida entrega à dança. Sou a pessoa provocada e ressonante de cada escolha, direção, dúvida, cruzamento e atravessamento que me trouxe até aqui, licenciada em Dança. Como não falar da trajetória

construída até aqui? Não seria esse o único e oportuno momento para falar sobre mim nesse encerramento da graduação? O caminho. O convite. O acaso. O que me conduziu até aqui?

O desejo de se realizar um trabalho significativo transitava em meus pensamentos durante a escolha da temática; eu não queria apresentar um trabalho de conclusão de curso falando ou realizando algo de determinada maneira apenas para se enquadrá-lo em um caráter tradicional: cheio de fulano diz isso, sicrano diz aquilo. Logo, a partir desse desejo, nasceu este trabalho sobre meu anseio artístico.

Quero esclarecer também que este é um trabalho artístico, não pela representação cênica, mas pela condução da escrita, formato, layout, narrativa imagética e títulos, apresentados em fonte diferente da habitual acadêmica, que se aproxima da minha forma de escrita manual, como uma forma de aproximar, mesmo que minimamente, um pouco mais o leitor/leitora deste trabalho. Eu escrevi muito manualmente para este trabalho nascer, era como fluía a escrita para mim, não sei porque, mas o papel e caneta me rendiam muito mais. Além disso, o lado esquerdo da folha é reservado para as caixas de diálogos, que seguem todo o texto, dialogando com aquilo que escrevo, inclusive com as caixas de diálogos "invisíveis".

As imagens encontradas no decorrer deste trabalho constroem a minha trajetória e compõem uma narrativa imagética. A partir das imagens surgiram as identidades visuais de cada convite que, em um primeiro momento, foram computadorizadas, do início ao fim, contudo depois percebi a necessidade de realizar a identidade visual à mão. Trazendo o corpo para o movimento do lápis, a dança existiu na ponta do meu lápis primeiro, logo, a identidade visual surgiu do processo: corpo, caneta e papel, para somente depois ser digitalizada; foi um processo de inúmeras tentativas, mas bastante significativo porque pude entender que tudo aqui se inicia e se concretiza no corpo.

A estrutura do meu trabalho está sistematizada em convites, os grandes marcos a partir desse recorte que elaboro, convites esses que me levaram à Licenciatura em Dança, e a partir dessa narrativa apresento o convite à docênciartística, ao qual me refiro neste trabalho. Antes de adentrar à leitura gostaria de fazer um convite ao leitor/leitora: se desprenda de toda escrita convencional que já leram, permita-se ser atravessado por outras escritas, escritas não lineares, escritas circulares, pois é esta que se faz presente aqui.

Pois, é no **e m a r a n h a d o** que esta pesquisa se sustenta e tem ali sua potência; a pesquisa se cruza, envolve, atravessa, penetra, permeia pelas seguintes trajetórias: arte no Ensino Médio, grupo de dança Corpo Composto e Licenciatura em Dança, como essas trajetórias se cruzam e formam minha identidade docente em Dança. Identidade essa que se compreende em um espaço de dualidades e contradições.

Apresento um panorama, para se ter uma compreensão maior de quem sou e somos com o Corpo Composto, quando tudo isso começou e a importância desse grupo na minha trajetória. No decorrer do trabalho menciono várias vezes o Corpo Composto, grupo que criou a Larissa professora e artista nessa trajetória emaranhada.

PANORAMA:

Foi no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – campus Aparecida de Goiânia que o Corpo Composto surgiu, em 2016, um projeto de pesquisa da Licenciatura em Dança, vinculado à GEPEX – Gerência de Pesquisa, Pós-Graduação e Extensão do IFG – Campus Aparecida de Goiânia.

No entanto, o Corpo Composto tem sua força motriz em 2015, no curso de extensão “Corporeidades dançantes – experiência de dança contemporânea”, onde tudo começou, com os alunos do Ensino Médio Técnico Integrado do IFG – campus Aparecida de Goiânia, no intervalo de almoço, entre 12h40 às 14h. No final daquele ano fomos selecionados para o Festival de Artes, na Cidade de Goiás, com a composição coreográfica chamada “Fricção”, com o Coletivo Gente Boa, nome que demos às pressas para efetuar nossa inscrição no festival.

O Corpo Composto é um grupo que tem como prioridade oportunizar a prática da Dança no Ensino Médio para um acesso de aprofundamento na arte, não apenas na Dança, mas também em outras linguagens artísticas. Ele é o convite que costura os demais convites, que abraça; tudo é atravessado por ele, por meio dele, e parte dele. A Dança só me chega como uma profissão a partir das minhas experiências com esse grupo, que me abre essa possibilidade.

O grupo tem a produção de três espetáculos, dentre outros, como videodanças, pesquisas, projetos, prêmios e reverberações. Destaco à frente o primeiro trabalho do grupo, o AdoleSendo, estreado em 2016 no Teatro IFG – campus Goiânia. O AdoleSendo é um trabalho feito por adolescentes para adolescentes, trazendo à cena relações construídas dentro e fora da sala de aula, e toda afetividade da adolescência no que perpassa nossa vida estudantil, apontando o ambiente escolar como um espaço de representatividade.

O segundo trabalho do grupo chama-se Q, com direção do espanhol Antònio Gómez Casa, da Companhia Inestable 21, estreado em 2018, com o convênio firmado entre o IFG – campus Aparecida de Goiânia e a Escola Municipal de Teatro de Lleida, que nos oportunizou um intercâmbio entre professores e alunos das duas instituições.

Em abril de 2019 recebemos um convite muito especial para colaborar com um importante projeto do Centro de Pesquisa e Extensão do Adolescente (CEPEA), da Universidade Federal de Goiás. Contribuímos com um dos módulos do curso para socioeducadores que trabalham com menores infratores em regime semiaberto e que integram o projeto Formação Continuada dos Profissionais do Sistema Socioeducativo do Estado de Goiás. Apresentamos AdoleSendo e Q (trechos) e depois abrimos para um momento de conversa sobre a arte como potência para a ação e discussão de subjetividades na fase da adolescência.

O Corpo Composto foi tomando proporções que nem imaginávamos, e uma delas é ter alguns integrantes ingressando nas Licenciaturas em Dança, e eu, com muito orgulho, abro esse caminho, sendo a primeira. A seguir, apresento uma linha do tempo de nossas produções.



Arquivo pessoal: Primeiro elenco do Corpo Composto, 2016.

2020

ROLÊ
(Work in Process)
SECITEC IFG Inhumas

MEET
Experimentos Cênicos do
Festival Estudantil de Teatro -
Belo Horizonte

2021

CORPO VISUAL
projeto desenvolvido durante o
isolamento social decorrente da
pandemia de covid - 19.
Disponível no canal do YouTube:
Corpo Composto

ADOLESENDO -
CONFINADOS!
Experimentos Cênicos do
Festival Estudantil de Teatro -
Belo Horizonte

ADOLESENDO -
CONFINADOS!
VQV - Festival Mundial de
Teatro Adolescente, na
Argentina e no Chile

ADOLESENDO - CONFINADOS!

Projeto De Escola p/ Escola

Colégio Estadual João Carneiro dos Santos, em Senador Canedo

Escola Municipal Pontal Sul II, em Aparecida de Goiânia

CEPI Michelle do Prado Rodrigues, em Aparecida de Goiânia

Instituto Federal de Goiás, em Inhumas

Colégio Estadual Presidente Castelo Branco, em Inhumas

Instituto Federal de Goiás, em Aparecida de Goiânia

PROJETOS

2018

DE/PARA ESCOLA
contemplado pelo FAC de
Goiás, SEDUCE e
Estado de Goiás

05 escolas de
Goiânia, Aragoiânia
e Aparecida de
Goiânia

2021

Vídeodanças
premiados pelo edital
emergencial cultura Aldir
Blanc. Disponível no canal
no YouTube.

- CÉU DE DENTRO
- ESCAPE
- OLHAR DE DENTRO
- POÉTICAS
- ENTRE SONHOS, SALTOS E VOOS

Vídeodanças premiados
pelo edital nº08/2020 -
PROEX - IFG
InspirArte. Disponível no
canal no YouTube.

- UM FILME CASEIRO
- SOBRA DE SOMBRA
- (PÉS)SOAL

DE/PARA ESCOLA
contemplado pelo FAC de
Goiás, SEDUCE e
Estado de Goiás

05 escolas de
Inhumas, Aparecida
de Goiânia, e
Senador Canedo

REVERBERAÇÕES

2018

CAPTANDO
DANÇAS
contemplado pelo
Fundo de Arte e
Cultura do Estado
de Goiás

Proponete: Amanda
ex-integrante do
Corpo Composto

2019

A PARTE DE
DOIS
contemplado pelo
Fundo de Arte e
Cultura do
Estado de Goiás

Proponetes: Karol e
Yuri ex-integrantes
do Corpo Composto

2020

DISCUTINDO
JUVENTUDES:
MICRORREVOLUÇÕES
ENTRE CULTURA E
EDUCAÇÃO
e-book editora Bordô
Grená

Org. Giovana Consorte
e Rousejanny Ferreira

PESQUISAS

2017 ◀ PIBIC - Corpo Composto: propostas metodológicas e coreográficas para adolescentes
4º SICT IFG- Aparecida

Larissa Pascoal

PIBIC - O adolescer na dança
XIV Festival de Artes/ II Encontro de professores de Artes nos Institutos Federais, Itumbiara

Larissa Pascoal

2018 ◀ TCC - As experiências no Corpo Composto: construindo pontes entre a arte e a educação

Lahys Santos

IX Congresso internacional El Cuerpo en el siglo XXI, em Bogotá

Giovana Consorte e
Rousejanny
Ferreira

2019 ◀ PIBIC - Corpo-artístico danças bricoladas e disparadas pela experiências Grupo Corpo Composto

Rita Isabela
Almeida e Rafaela
Pereira

PRÊMIOS

2018 ◀ Mérito Cultural da Prefeitura de Aparecida de Goiânia

Menções no Festival de Artes Vamos que Venimos, na Argentina:

- Utilização de recursos cenográficos, adereços e figurinos;
- Trabalho do grupo e jogo de cena;
- Utilização e seleção de recursos sonoros e musicais;
- Direção do espetáculo.

2019 ◀ Medalha de Destaque Cultural do ano no Conselho Estadual de Cultura de Goiás



A autoetnografia vem se consolidando como uma escrita de si, que permite o ir e vir entre as experiências pessoais e as dimensões culturais, buscando reconhecer, questionar e interpretar as próprias estruturas e políticas do eu. (DANTAS, 2016, p. 173).

(...) autoetnografia mostrou que o exercício da escrita torna-se um dos principais modos de produção da informação, uma vez que o olhar do pesquisador confunde-se com o olhar do artista, é um olhar que, ao se voltar para o processo de criação, não separa o fazer artístico do fazer investigativo. (DANTAS, 2016, p. 177).

O traço dos convites

Nesse trabalho de traço autoetnográfico, me aventuro no exercício de me tornar objeto de estudo desta pesquisa, numa escrita sobre minhas experiências artísticas e estéticas para, assim, compreender de que modo elas afetam minha formação e prática como professora de Dança. Sendo assim, me revelo, exponho e aceito o risco dessas ações, e me lanço de peito para frente.

O que chamo identidade docênciartística é a docência autoral que caminha sempre na via da criação, e que não se distingue. Rosa Primo (2014) define a docência artística como instantes de invenção, em momentos que, às vezes, um se encontra mais forte que o outro e, assim, vamos sendo ora mais artista, ora mais docente, ora mais artista/docente.

A metodologia foi construída por meio de uma rede de memórias, onde tudo começa com um caderno amarelo antigo guardado em uma caixa com material do Ensino Médio. Nele continha uma espécie de diário de bordo com bilhetinho do horário do ônibus, cartões de números de vans escolares, o panfleto da minha primeira ida ao teatro, o primeiro *flyer* de espetáculo de dança que eu assisti, o *flyer*

(...) em uma busca por outra possibilidade de se fazer pesquisa na qual haja conexão entre o pessoal, o social, o cultural; os espaços físicos e o profissional ao se pesquisar. (ONO, 2018, p. 54).

de divulgação do curso de Licenciatura em Dança, a primeira vez que fiquei sabendo de um curso superior em Dança.

A descoberta dessa caixa durante a construção deste trabalho despertou muitas memórias, me lembrou quanto o Instituto Federal foi importante nessa trajetória, quantas oportunidades, quantos convites e acasos permeiam aquele ambiente. Costumo brincar que estar no IF era como se eu estivesse em um universo paralelo, tudo aquilo que vivenciava era tão fora da minha realidade; nunca tive a oportunidade de estudar artes nos anos anteriores da minha vida escolar, e eu fui bastante afetada por essas aulas e por esse lugar.

Hoje olhando para trás e refazendo toda essa trajetória, a partir de um olhar mais maduro para este trabalho, entre as idas e vindas na finalização do curso, despertou o meu olhar para o quanto é importante que existam espaços vividos no ensino da arte, o quão significativo isso foi para minha formação. O quanto esse espaço atinge minha formação de professora de arte. Então, salve os Institutos Federais e tudo o que nele habita!

Para este trabalho compus um grande inventário, partindo da auto-observação e do vasculho de materiais pessoais, com diário de campo nos ensaios do Corpo Composto e um álbum de registros fotográficos dessa trajetória.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora "narrativa do eu". (HALL, 2006, p. 13).

Tenho o cuidado para que este trabalho não se reduza apenas a minha experiência e se transforme em um diário. Concordando com Fortin (2009, p. 83), parto de uma "história pessoal, mas para a partir disso trazer uma compreensão maior". O caminho percorrido extrapola as minhas memórias, já que aqui elas são apenas disparadoras que enriquecem a pesquisa.

Minha identidade como professora se encontra nesse território que intersecciona a docência e o artístico, em uma constante mudança, transformada a partir desses dois territórios que não compreendo como polos distintos, pelo contrário, são bem unidos, não sendo possível separá-los ou vê-los separadamente, sem nenhuma conexão.

Hall (2006) define identidade como uma "celebração móvel" uma trajetória de identidade que é "formada e transformada continuamente" (p. 13) Compreendo identidade a partir dessa perspectiva; a identidade docênciartística como uma celebração móvel, como o autor a apresenta, uma identidade na concepção do sujeito fragmentado que, ao longo da história, passa por esses descentramentos e tem sua identidade colocada em questão.

A identidade docênciartística se pauta também na experiência. Segundo Larrosa (2015), o sujeito da experiência é como um ponto de

Carte na Linha Pontilhada

001-9 00190.00009 02021.623000 00442.485181 2 55590000003000

Local de Pagamento: Preferencialmente nas Agências do Banco do Brasil

Cedente: INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS

Vencimento: 26/12/2012

Agência/Código Cedente: 0086-8 / 2021623

Data do documento: 27/11/2012

Nº. do documento: 442485

Espécie doc: N

Data Processamento: 27/11/2012

Nosso Número: 442485

Uso do Banco: Carteira SR

Espécie Moeda: R\$

Quantidade: (x) Valor: 30,00

1 (+) Valor do Documento

2 (-) Descontos/Abatimento

3 (-) Outras Deduções

4 (+) Mora/Multa

5 (+) Outros Acréscimos

6 (+) Valor Corrigido

Instruções (Texto de responsabilidade do cedente): Não receber após o vencimento.

Pagável preferencialmente nas agências do Banco do Brasil

Curso: 25 - TÉCNICO INTEGRADO EM EDIFICAÇÕES - APARECIDA DE GOIÂNIA

Sacado: LARISSA PASCOAL DA SILVA SANTOS

Ficha de Compensação: Autenticação Médica

Barcode

ICMTC QUADRO DE HORÁRIOS ICMTC

NUMERO 525

DENOMINAÇÃO PC Diamante/Cidade Livre - IFG

DIA ÚTIL	SÁBADO	DOMINGO
05:00 18:00	05:00 18:25	05:00 23:00
05:20 18:30	05:12 18:10	05:17 00:30
05:40 19:00	05:40 18:50	06:05
06:00 19:45	06:10 21:15	07:00
06:17 19:45	06:40 22:00	07:55
06:45 21:10	07:10 23:00	08:50
07:13 22:00	07:40 23:50	10:10
07:41 22:40	08:10 00:30	11:10
08:11 23:30	08:50	12:10
08:45 00:30	10:11	13:10
10:10	10:55	14:10
10:55	11:40	15:10
11:40	12:25	16:05
12:25	13:10	17:00
13:10	13:55	17:55
13:55	14:40	18:50
14:40	15:25	19:45
15:25	16:10	21:05
16:10	16:55	22:00
16:55	17:40	22:55
17:30		

Obs.: IFG/PC Diamante/St. Marista/Cidade Livre
Cidade Livre/St. Marista/PC Diamante/IFG
IFG/PC Diamante/St. Marista/Cidade Livre/St. Marista Sul
As viagens após às 23h00min irão descer na UEG e HUAPA

0800 646 1851 ou 3524-1851

TEM
Transporte Escolar Mesa
Transportando com Segurança

José Romagosa (João)
8452-6567 / 9131-9504 3518-2904
8120-5302 / 9839-4797

Rua Dr. João Teixeira Ate. Junior Qd 78 Lt 29 Par. Veiga Jardim III Ap de Goiânia

D'Moura
Transporte Escolar & Turismo

Iderli Alves
62. 9191-7897 / 8323-0064
iderlidemoura@gmail.com

TALISMÃ TRANSPORTE
ESCOLAR e TURISMO

9215-3114
8510-8958
8287-2906
3548-5242

talismatransporte.wix.com/talismatur

COMÉDIA

DA TPM
A MENOPAUSA

COM POLLYANA BENTO E JESSICA VASCONCELOS

anos
NÔMADES GRUPO DE DANÇA

apresenta

**PALAVRAS
EM GIZ**

Este espetáculo contém trilha sonora original.

licenciatura em

dança

Mais informações:
(62) 3507 5950
ou (62) 3507 5985

Afinal, é pra quem?

Pra quem quer se envolver com dança e ensinar dança!

Como faço?

O acesso se dá por meio de processo seletivo pelo IFG são

Quanto custa?

Os cursos ofertados pelo IFG são

O que é?

Um curso superior (de 4 anos / noturno)

Onde é?

No Instituto Federal de Goiás, Câmpus

Av. Universitária
Qd 1, Lt 1-A
Parque Itatiaia

Artistar. Verbo que se move na arte e a faz mover-se ao impensado. Artistarias, lugar, lugar de passagem, de fluxos inusitados entre arte e educação. Invenções, criações, experimentações que articulam e rearticulam modos de ensino em dança. (ROCHA, 2016, p. 06).

chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar, ou seja, a partir de cada experiência permite-se ir ao encontro e ao abraço.

Artistarias é um termo criado por Thereza Rocha (2016), e me utilizo dele para intitular minhas experiências traçadas neste trabalho. Necessito desse termo, pois essas experiências são múltiplas e foram construídas em diversos lugares, se estabeleceram em fluxos e passagens, fora e dentro da sala de aula e fora e dentro do palco também.

Todo o trabalho é composto por marcas de cada experiência de artistaria, que se destaca em experiências singulares, aquelas experiências que se diferem das demais. Segundo Dewey (2010, p. 112), “a existência dessa unidade é constituída por uma *qualidade* ímpar que perpassa a experiência inteira, a despeito da variação das partes que a compõem”. Parece que só é completa em arte, em que ela se torna *aquela* experiência. Experiências como acontecimento de arte.

Minhas experiências artísticas são as minhas artistarias, que são compostas por uma qualidade ímpar, que a determina como uma experiência singular, e que não fica apenas como uma experiência, vivência ou lembrança, mas a existência dessa experiência e da unidade na totalidade se destaca das demais.

No entanto, excluí tantas outras, que não couberam no recorte, pois certa característica e não outra foi suficientemente dominante, de modo que marca a experiência como todo.

As artistarias estão presentes nas conversas dentro do ônibus voltando de uma apresentação, nas viagens para festivais, ao conhecer lugares novos, nas visitas aos museus e a galerias de arte, nas conversas nos bastidores de trás da coxia.

Desse processo fui tecendo uma rede de materiais empíricos que acontecem de modos distintos, e não só no conteúdo específico das disciplinas artísticas. Artistaria é a espera entre uma aula e outra, entre um espetáculo e outro; foram nessas interseções impensadas que tanto aprendi, e são elas que compõem a docênciartística.

Acredito que minhas artistarias foram fundamentais, pois compreendo que as disciplinas formais da grade curricular nem sempre conseguiram possibilitar o transbordamento de seus limites. Nas artistarias me transbordei.

A minha atuação artística reverberou na minha prática docente, afetando a construção de saberes, as trocas e refinamento do olhar sobre a docência, pelo viés da continuidade do fazer e do pensar artístico. Essa trajetória foi percorrida por outras nuances também, um traçado de maturação, recheado de descobertas, medos, fracassos, sucessos e derrotas.

Pausas.

Desvios.

Atalhos.

Buracos.

Hoje tenho a oportunidade de olhar para trás e perceber as nuances dessa via percorrida, e vasculhar minha própria história e perceber o que me trouxe à Licenciatura em Dança, e o que ajudou a construir esse caminho. Percebi o que me atravessou, sustentou, nutriu, alimentou, instigou, aflorou, transbordou.

Relembrar como chegamos nesse lugar no qual o corpo está no centro do processo. O que impulsionou o ponto inicial dessa trajetória? Como cheguei até aqui? Quais foram as artistarias que me conduziram até aqui? E o que me fez seguir? Esse caminho é o que sempre pensei para mim? Sempre tive certeza desse caminho? Não. Tive medo? Tive. Insegurança? Tive. Dúvidas? Tive.

Os questionamentos de alguma forma me impulsionaram, seja para me dar confiança para seguir, ou dúvidas que quase me fizeram parar, mas também impulsionaram, pois, pulsava dentro de mim, mesmo que estivesse lá no meio do caminho travada, pulsava.

Assim, todos os medos e fracassos foram me conduzindo ao lugar de licenciada em dança e, atualmente, não me vejo em outro lugar; eu pertenço a esse lugar. Estive no período de junho/2020 à

novembro/2021 fora dessa atmosfera artística, não produzia e não consumia arte, fora da sala de aula, dos palcos, e é como se me roubassem o ar, é como se eu não existisse porque parece que minha vida é marcada pelas artistarias que vivo, e quando eu não as tenho eu não existo.

Ao longo do caminho me surgiram os convites.

O convite é convocação.

O convite é chamado.

O convite é entrada.

O convite é atração.

O convite é encanto.

O convite é indução.

O convite é sedução.

As artistarias vieram-me pelos seguintes convites: convite-desvio, convite-gancho e convite-armadilha. Convites cheios de acasos (ou talvez, não).

O convite-gancho é aquele que me fisgou, que me levou, que me buscou, que me arrematou, que me laçou. É a Licenciatura em Dança que traz densidade para essa caminhada.

O convite-armadilha é o que me surpreendeu, que já estava dentro sem nem perceber. É o Corpo Composto uma constante armadilha.

O convite-desvio é aquele que me cruzou, atravessou, aquele que apareceu na caminhada para me levar para outro lugar. É desvio. As disciplinas de artes no Ensino Médio que indicaram o desvio no meio do caminho.

Os convites das artistarias foram dados nos atravessamentos que o IF me entregou nesse período de oito anos, entre o Ensino Médio e a Licenciatura em Dança. Era para ter sido apenas sete anos, mas aconteceu várias coisas que foram dilatando esse tempo; a pandemia foi uma dela, um agravante forte para minha ansiedade, com o meu eu que tem uma pequena dificuldade de encerrar ciclos. Confesso que queria ficar grudada ao Instituto Federal e ao Corpo Composto para sempre e, por fim, foi se alongando cada vez mais a conclusão dessa etapa.

Foi difícil sair desse ninho e querer voar em outros lugares. Por muito tempo, confesso, não quis voar; acredito que sou como aquele passarinho jogado do ninho para aprender a voar, para onde quer que eu vá, o Corpo Composto estará comigo para sempre.

“Você que me acolheu de um outro ninho

Eu juro já aprendi voar

Sou predador, sou passarinho

Te levo pra qualquer lugar”

(Agnes Nunes e Xamã, Álbum: Elas por Elas – Rose, 2019)

Hoje entendo que por mais difícil que seja finalizar é necessário, e compreendo que minha relação com o grupo vai muito além de protocolos e processos, é sobre um amor sincero e genuíno que levarei para todo o sempre, assim como o IF, que tanto fez parte dessa trajetória que compartilho aqui.

Aceita meu convite?

Convite-desvio



O convite-desvio é aquele que me cruzou, atravessou, aquele que apareceu na caminhada para me levar para outro lugar. É desvio.



Convite-desvio

Fiz todo meu ensino fundamental na Escola Estadual Telma Vieira de Sales, em Aparecida de Goiânia. Quando eu estava no nono ano, em 2012, recebemos a equipe de divulgação do IFG – Campus Aparecida de Goiânia. Naquele dia a equipe disse que não daria tempo de passar na minha sala, ou seja, ficou faltando somente a minha sala da escola inteira; eles disseram que voltariam, mas nunca mais os vi.

O importante é que, depois daquele dia, minha irmã, que estudava na mesma escola, porém em salas diferentes, não parava de falar sobre o IF, e, então, ela me entrega o convite-captura. Convidada ou não, diretamente ou indiretamente, encarei a empolgação da minha irmã, de uma convidada legítima, e eu, de penetra, por não ter ido assistir à palestra; ouvir um sussurro da vida me dizendo que dependia só de mim. Fui.

Fui sem ter. Penetra entrando.

Entreí no IF, por inúmeras razões, como, por exemplo, melhor qualificação dos professores, uma boa estrutura física, preparo para o

Enem, até porque os Institutos Federais sempre ficam no topo da lista dos mais bem colados no exame pelo Ensino Médio Técnico Integrado, e isso chamou minha atenção, pois enxergava como uma possibilidade de aprimorar as habilidades da área que eu pretendia ingressar; naquela época almejava fazer Arquitetura e, sendo assim, colaboraria na escolha do curso superior, eu optando pelo curso técnico em Edificações.

Nessa lista não estavam incluídas as aulas de artes no Ensino Médio. Eu sequer sabia que teria essa disciplina. O primeiro convite que o IF me trouxe foi através do componente curricular, no primeiro ano do Ensino Médio, que fez meus olhos brilharem ao ver a grade de horários. Eu disse: “Arte, A-R-T-E, não acredito!”

Era um misto de sentimentos, uma euforia por ter acesso ao universo da Arte, algo que eu sempre quis. Ao mesmo tempo, existia um sentimento de algo inalcançável dentro de mim que se instalava.

Eu imaginava que minhas aulas de Arte seriam somente de artes visuais e eu sou péssima desenhando, por isso foi um misto de alegria e desespero, até descobrir que a disciplina de Arte seria composta por quatro linguagens: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.

A ampliação de mundo que tive por meio dessas linguagens artísticas foi transformadora em minha vida, comecei a engatinhar em um processo de autonomia, em uma participação ativa estimulado

Uma vez esses alunos tendo experimentado, no primeiro ano letivo do ensino médio, a cada bimestre, uma linguagem artística diferente (Artes Visuais, Música, Teatro e Dança), no segundo ano eles optam pela linguagem que querem cursar. Nesse sentido, as turmas podem ser mistas, com alunos de variadas formações técnicas, unidos pela linguagem artística, interesses particulares ou mesmo pela falta de outra atividade senão as que são oferecidas pela matriz curricular. A disciplina é desenvolvida com propostas de projetos artísticos bimestrais, com ênfase para os processos de criação. (GUIMARÃES, 2014, p. 03).

pelos professores dessas linguagens que acreditaram sempre na capacidade de cada aluno na sala de aula e em suas individualidades, promovendo assim um protagonismo juvenil.

Nas disciplinas de artes e com as atividades que desenvolvi, hoje percebo diversas ações e desdobramentos possíveis para promover o conhecimento em Arte que, naquela época, não enxergava ainda, mas que levo agora em minha identidade docente, como possibilidade de aulas. Parto também de tantas outras ideias que surgiram após passar por experiências que os respectivos professores daquelas disciplinas prepararam para turma.

As ações de cada disciplina promoveram rompimento de modelos, rótulos e olhares da sociedade, que proporcionaram uma maior autonomia em mim. Os professores das linguagens artísticas me conduziram a criar e desenvolver meus próprios projetos artísticos para que, assim, pudesse produzir pensamento crítico e uma aprendizagem ativa.

Com isso, pude desenvolver minha criatividade, aumentei meu repertório cultural e estético, melhorei minha autoestima, autoconfiança, resolução de problemas, inteligência emocional, trabalho em equipe, negociação, tomada de decisões, etc.

O componente curricular Arte do primeiro ano do ensino médio abriu espaço para o descobrimento do eu-Larissa, me descobri em um



Arquivo pessoal: Calourada, 2013.

espaço de potência que nunca existiu antes, ele só apareceu depois do contato com a Arte.

O desejo de viver a liberdade, de ser eu mesma, experimentar vínculos importantes fora do ambiente familiar; conhecer e descobrir minha história pessoal. Com a dança encontrei um meio para saber quem eu sou.

Isso foi intensificado no segundo ano do ensino médio, e continuou sendo desviante, uma oportunidade de me aprofundar nesse conhecimento que, a cada dia, se mostrava mais interessante, onde eu ia descobrindo coisas novas, aperfeiçoando outras.

O componente curricular Arte e Processo de Criação tem um caráter diferente da disciplina do primeiro ano, no qual as quatro linguagens artísticas são divididas por bimestre. Já no segundo ano a disciplina é dividida em semestre, o que me deu a possibilidade de escolher em qual das quatro linguagens eu gostaria de me aprofundar em pesquisa, durante um semestre.

Optei por fazer dança nos dois semestres do segundo ano, porque eu já tinha a experimentado como uma experiência-armadilha no primeiro ano. Eu queria perdurar aquela experiência o máximo que eu pudesse; fui atravessada pelo desvio, mas eu queria mais daquela experiência, queria aquilo para sempre.

A dança em minha vida sempre foi uma experiência-armadilha, e dentro do IF foi mais ainda. Acredito que ela tem esse propósito de conquista, de capturamento, é como enxergo hoje porque é nessa armadilha que quero me manter para sempre. Eu sempre quis fazer dança, então, para mim era uma oportunidade que não poderia deixar passar, queria aproveitar e me agarrar a ela de todas as formas possíveis.

Eram os melhores dias da minha semana, as melhores horas do meu dia. Ali existia uma família, existia companheirismo e amor, um só propósito, a nossa liberdade. Existia um portal mágico na sala que não importava como eu estivesse antes: depois que eu entrasse ali eu era completamente diferente da pessoa antes de atravessar, mais leve, sem problemas, nada tinha tanta importância; nem a nota baixa, a quase reprovação, a prova na aula seguinte, todos os problemas e preocupação do ser adolescente era temporariamente esquecido.

Eu já peguei esse desvio, foi o caminho que escolhi trilhar, porque ele já havia se instalado em mim. Eu desejava ter a dança vinte quatro horas na minha vida, diariamente e não apenas uma hora e meia, duas vezes na semana.

No terceiro ano do Ensino Médio, por uma determinação curricular que prioriza o estágio obrigatório na área técnica e preparação para o vestibular, não temos o componente curricular

Artes. O **d e s v i o** começou com as disciplinas de Arte no Ensino Médio, mas o desvio, mesmo, se concretizou com o curso de extensão em Dança Contemporânea.

Então, nesse último ano, no qual a Dança saíria da minha vida, fui resgatada em um convite-desvio pela professora Rose para iniciar um curso de extensão: corporeidades dançantes – experiência de dança contemporânea, em 2015, e, assim, pude continuar me vendo na dança. Realizei meu estágio obrigatório no segundo semestre do último ano na prefeitura de Aparecida de Goiânia, que era bem próximo ao IF, mas que, mesmo assim, não me permitia conciliar as duas coisas, pelo tempo que se daria durante trajeto efetuado em transporte coletivo.

A professora Rose me levava até ao meu estágio de carro, para que essa conciliação fosse possível. Mesmo assim, eu chegava bastante atrasada, então, eu compensava esse atraso ficando após o horário previsto, cumprindo assim as quatro horas diárias exigidas.

Esse convite despretensioso mudou completamente minha vida. Defino o IF como um lugar de artistarias, pois ele foi-me um espaço potente de crescimento pessoal e de desenvolvimento humano. Espaço de potência. Vivacidade. Espaço de descobrimento do corpo. Desse corpo que pode! Pode mesmo, mais e sempre mais do que disseram e me fizeram acreditar. Eu, a cada dia, fui me apoderando dessa força.

Na construção do pré-projeto do trabalho de conclusão de curso, no ano de 2018, durante a graduação em Dança, eu fiz um apanhado de registros fotográficos de tudo que eu tinha desde 2013, desde meu ingresso no IF até os dias atuais; me deparei com uma fotografia (página 34), sendo ela a capa da identidade visual desse convite. Levei um susto, quase não me reconheci.

Essa foto foi tirada pela minha irmã Amanda, em um dos ensaios gerais do Corpo Composto durante a produção do espetáculo AdoleSendo, que descobriu o quanto era boa em eternizar momentos, através, inclusive, do curso de extensão em Dança Contemporânea, em 2015, do qual ela participava. Posteriormente continuou fotografando o grupo Corpo Composto em outras produções. Recebemos assim o mesmo convite-desvio.

Essa foto da capa convite-desvio fala muito sobre o processo porque, ao ver essa foto, salta para fora tudo que eu pensava a respeito de mim mesma, do mundo e da minha relação com a Dança. Eu consigo retornar para a Larissa naquele momento, consigo reconectar os pensamentos, as expectativas em relação ao futuro.

Consigo identificar na foto, por meio do meu corpo, pela categoria de movimentação, o que estava realizando, como eu criava, pela minha roupa, como eu arrumava meu cabelo. Como eu dançava.

Ao longo dos oito anos no IFG mudei em diversos aspectos, principalmente em relação ao meu corpo. Não apenas fisicamente, mas pude ver através dessa imagem como fui transformada, modificada, afetada por todas essas artistarias que vivi.

A experiência de dançar nos provoca em sua totalidade, em nossos aspectos físicos, psíquicos e emocionais, e nos permite uma relação ativa consciente de si. A dança me confrontou em diversos aspectos e o mais marcante foi o olhar para o outro. Antes do IF eu vivia dentro de uma bolha tanto no aspecto familiar quanto social, que a Dança estourou. Buscava a liberdade de ser quem realmente eu era, e isso foi se construindo ao longo do meu processo de adolescer e adulecer, que a Dança me proporcionou.

As experiências que vivi no IF dentro desse recorte do Ensino Médio foram marcadas pela singularidade que me tornou protagonista da minha própria história, o bem-estar trazido pela dança, a autoconfiança, que antes eu não tinha, a coragem. Se posso dançar, também posso falar, realizar outras coisas bem feitas, eu posso fazer o que eu quiser, na verdade. Esse sentimento de potência foi a dança que me trouxe. Tornei-me gigante.

As experiências desviantes ao longo do Ensino Médio foram marcadas também pela experiência de fruição artística. A primeira delas foi quando pude ir ao teatro pela primeira vez. Não gostei muito

da peça, mas me recordo de ficar encantada com as luzes, as cadeiras, a estrutura do teatro, o clima que aquele ambiente trazia, o campo magnético a minha frente, chamado palco, não conseguia tirar meus olhos daquele lugar.

A segunda experiência desviante foi na primeira vez em que vi um espetáculo de Dança, ainda no Ensino Médio: o Grupo de Dança Nômades apresentando o espetáculo Palavras em Giz. Recordo que meu coração nunca bateu tão forte antes, era como se eu pisasse naquele palco; eu me teletransportava para os corpos dos bailarinos, como se fosse eu ali; eu me enxergava lá em cima.

A terceira foi um espetáculo do grupo Das Los chamado Sobre a Pele, no Teatro Sesi Ferreira Pacheco. Após o espetáculo todos os bailarinos retornaram para o palco como qualquer outro ser humano normal, mas para mim tinha uma aura em cada um deles, os via como se fossem pessoas de outro mundo, contudo, o grupo se aproximava cada vez mais; sentaram-se bem na borda do palco e simplesmente.



queriam ouvir o que nós, meros mortais, tínhamos achado do espetáculo, ou se tínhamos alguma pergunta

A quarta experiência foi um espetáculo que vi no Festival de Artes, na Cidade de Goiás, chamado Proibidos Elefantes, da Cia Gira Dança de Natal - Rio Grande do Norte; me recordo de quase nem respirar. Uma experiência inesquecível, a cada instante uma retomada de fôlego, fiquei admirada com tudo que vi.

Aqui destaco algumas artistarias de tantas que vivenciei no IF, antes do grande marco que é a minha primeira apresentação de dança, pois eu também tive o meu momento de estar no palco e sentir a sensação por meio da experiência do dançar, e não somente de ver os outros.

Foi durante esse festival de artes na Cidade de Goiás que o desvio me levou para outro lugar de vez: decidi que iria fazer graduação em Dança. Foi naquele dia após a primeira vez que eu subi no palco, com a apresentação do Coletivo Gente Boa, que fui capturada.

Algo muito significativo nesse dia e durante a apresentação foi o olhar, o sorriso, o brilho nos olhos da Rose nos momentos em que estava fora do palco; a enxergava do outro lado, no cantinho bem perto do som, aquilo que tanto buscava para minha vida, em relação a minha profissão. E em todo esse tempo em que a conheço nada mudou.

Percebi em mim essa mesma paixão, aquilo que via nela e tanto desejava também estava aqui dentro de mim, eu apenas não conseguia enxergar ainda. Eu percebi que dançar me trazia o mesmo olhar, o mesmo brilho nos olhos, o mesmo sorriso, foi como ver meu reflexo, e então eu disse para mim mesma: é isso que eu quero! Sentir isso todos os dias, a felicidade de si, encontrar e fazer aquilo que se ama.

Ver todas aquelas pessoas nos aplaudirem foi gratificante, não sei se isso é uma miragem da minha cabeça, quando refaço essa lembrança, mas sempre vejo todas as pessoas de pé. Se não foram todas, eu tenho certeza de três pessoas que estavam sentados bem à frente: Alexandre Guimarães, Luciana Ribeiro e Roberto Rodrigues, meus futuros professores da Licenciatura em Dança.

Eu já tinha uma admiração muito grande por eles. Alexandre já havia me dado aula no Ensino Médio de Artes Visuais. Luciana e Roberto me deram uma oficina desviante nos primeiros dias no IF, em minha calourada, da qual eu nunca esqueço foi um dia único; eu era muito tímida, mas nesse dia eu me acabei de dançar Thriller do Michael Jackson na frente de tantas pessoas.

Dancei, eu existi de fato naquele momento, e essa é uma memória tão afetiva para mim, me descobrindo gradualmente na do dançar, iniciado nessa oficina da calourada. Gosto tanto de ouvir essa música e dançá-la, é como a trilha sonora do AdoleSendo: me remete



Arquivo pessoal: O brilho da Rose, 2018.

a tantas lembranças significativas que desfruto novamente cada vez que as escuto.

Fazer o curso de extensão em Dança me fez analisar e perceber o quanto o palco, a dança, a sala de dança mudaram meu dia. Percebi que não gostava tanto de Edificações como eu imaginava e ter realizado estágio nessa área me fez ter certeza disso.

É interessante que, quando entramos na educação infantil, nos perguntam o que “queremos ser quando crescer”; ao chegar na adolescência, no momento de decisão do curso superior, já não sabemos; muitas coisas mudam, outras camadas vão surgindo ali, nesse processo de maturação.

Vale ressaltar que, para além, ou, justamente por conta dessa atmosfera constituída de artistarias, o IFG conta com a mobilização e o envolvimento dos alunos acerca de outras produções e da fruição artística. Como o movimento do Grêmio Estudantil, Fora (d)o padrão, projeto desenvolvido pela professora Marina Paccini, de Educação Física. A maioria das iniciativas parte dos próprios alunos do Ensino Médio, e não de uma demanda das disciplinas dos professores. De tempo em tempo, no mesmo campus de todos os dias, um campus diferente. Os alunos criam instalações, performances, saraus, entre muitos outros momentos de partilha e provocação.

Por essa realidade, as juventudes que compõem o IFG são envolvidas e engajadas no fazer e no viver artístico, sendo, ou não, proponente delas. Há nesse ambiente curiosidade e intromissão suficientes para aproveitar os diversos convites, e as modificações artísticas constantes do campus.

Na finalização do Ensino Médio, a partir de minhas experiências, olhei para todas elas e percebi o quanto essas artistarias mudaram minha vida, isso me provocou uma reflexão de como o conhecimento, muitas vezes, fica engessado nos muros acadêmicos, e não serve ao propósito da emancipação social.

O conhecimento precisa atravessar os muros para que a arte faça parte do cotidiano das pessoas, do cotidiano escolar, do cotidiano das juventudes. Tudo ao que tive acesso me foi dado por eu estar dentro de um cotidiano escolar atípico, onde a arte e a cultura estão muito presentes no cotidiano da escola e das juventudes. Eu me pergunto que outros tipos de acesso eu teria à arte se não fosse pelo IFG? Como isso chega nas pessoas que não fazem parte dessa instituição?

Isso me faz pensar muito na minha irmã. Por exemplo, morávamos próximo do IF, mas ela não conseguiu ingressar para cursar o Ensino Médio. Em 2017, minha irmã ingressou em Pedagogia

Arquivo pessoal: Aquela noite, 2015.





Arquivo pessoal: Fricção, 2015.

comunidade externa, e se eu não tivesse lá, como nós duas teríamos acesso a esse conhecimento e experiência.

Acabei convencendo minha irmã a fazer o curso de extensão: Corporeidades dançantes – experiência de dança contemporânea comigo, e a primeira vez que subi no palco eu estava com ela, e isso foi muito especial, pois ela sabia como aquilo era um sonho para mim, que pude realizar com ela.

Foi um presente para mim, minha irmã mal sabia que o grupo de Dança daria vida a sua paixão pela fotografia. É a partir do grupo que tudo aflora. Desde então, ela fotografou o Corpo Composto por diversas vezes e pode capturar tudo à sua volta.

Em 2018, minha irmã e eu fomos contempladas pelo FAC – Goiás em uma experiência ímpar. O projeto Captando Danças retratava instantes poéticos presentes nos atos de dançar em suas diversas formas e ocasiões. Alguns explícitos, outros despercebidos, pessoas que dançavam em festas, casas, igrejas, escolas, nas ruas e outros lugares do cotidiano.

Realizamos exposições em Aparecida de Goiânia, na Galeria Galo, no IFG – campus Aparecida de Goiânia, no CEU das Artes Orlando Alves Carneiro, no Vera Cruz e no ITEGO Dr. Luiz Rassi, no bairro Buriti Sereno, escola e espaço onde acontece formação da arte,

sendo produzido criação de um catálogo impresso, de modo a compartilhar o trabalho com espaços de formação em arte e educação da cidade.

Eu sempre me pergunto se a dança teria me encontrado ou eu a encontrado em algum desvio. Como seria a minha vida com esse desencontro?



O convite-gancho é
aquele que me fisgou,
que me levou, que me
buscou, que me
arrematou, que me
laçou.

Convite-gancho



Eu não acredito que a dança foi um acaso em minha vida. Ela foi surgindo e eu fui dizendo sim para os convites que foram aparecendo, não sabendo muito bem onde isso me levaria. Existem duas pessoas que me fisgaram para a Dança em momentos diferentes da minha vida. Uma marcada pelo início e a outra pelo meio de uma longa trajetória que está se construindo.

Ro[U]se. Separadas por um U, ou pelo JANNY/JANE. Jane Rose. Rousejanny. Rose. Mulheres incríveis. O convite-gancho casualmente entregue por *elas* transformou a minha vida. Jane Rose é a responsável pelo Grupo Órion, um grupo de Dança da Igreja Batista, em Tabuleiro dos Martins, Maceió – Alagoas, cidade onde nasci. Permaneci apenas um ano ao grupo de dança, quando eu tinha seis anos.

Rousejanny foi a professora que me deu aula em 2013, no componente curricular Arte: Dança, no IFG – campus Aparecida de

Goiânia, onde iniciei meu ser-artista. Ela também é uma das responsáveis pela criação do Grupo Corpo Composto, juntamente com a professora Giovana Consorte, ao qual já não sei definir se faço parte dele ou se ele de mim.

A minha formação artística e pedagógica foi marcada por essas duas mulheres, referências para mim, são a minha herança. Em minhas aulas, consigo enxergar seus traços, suas metodologias, suas identidades enquanto professoras, que me ganchearam, que me laçaram, que tanto me conquistaram. Tornaram possível a experiência de dançar.

Existe um aspecto muito importante para mim do fazer pedagógico delas, que é o ensino marcado pela experiência; o trabalho voltado para a desmistificação de alguns movimentos, trazendo-os para o cotidiano, inserindo-os em minha realidade, me instigando a fazê-los.

De repente, me vejo com êxito, executando alguns movimentos que pensei que não conseguiria e sempre percebo um olhar em minha direção que me diz: “viu, eu sabia que conseguiria”.

Quando recebo esse olhar minha autoestima é elevada, confio e acredito em minhas potencialidades e consigo acreditar no possível,

que posso fazer o que eu quiser. Sou vista, percebida, ouvida, compreendida, sinto que eu realmente existo.

Minha identidade docente tem facetas das identidades delas, eu fui misturando e costurando aquilo que fui aprendendo com a licenciatura em Dança com outros modelos também que recebi de outras identidades docentes. De cada pedacinho fui acolhendo aquilo que eu acreditava, aquilo que me cabia, de como deveria ser uma professora de dança, partindo sempre da experiência que as Roses me entregaram.

Elas me apresentam a horizontalidade na relação de professor-aluno como um modo possível, sempre presente nas conexões. A horizontalidade presente em suas aulas é uma condução, uma postura na sala de aula onde hierarquias não existem.

Estas professoras me fizeram compreender que nada surge de uma iluminação divina ou qualquer capacidade especial, mas sim fruto de longas horas de trabalho, pesquisas, análises, experimentações, etc.

A construção de pesquisas do movimento, o processo coreográfico de analisar, experimentar, planejar, executar, refletir e apresentar seus resultados; percebo assim, a partir delas, como sendo esse um ato educativo que permite a participação do aluno em forma integral em todo o processo.

Assimilei tudo o que elas me ensinaram não apenas em sala de aula, mas fora também fui construindo a Larissa, a professora de Dança. Até mesmo quando elas pensavam que a aula não tinha começado ainda, elas já me ensinavam tanto. Aprendo com elas constantemente.

Durante a minha graduação eu sempre trabalhei, desde o segundo semestre da faculdade, em escolas de ensino regular que ofereciam o Balé, como em oficina, aula extra, optativa; e em outras como uma disciplina regular para todos os alunos. Dei aula da Educação Infantil ao Ensino Médio, meu ponto sempre foi o gancho, a fisgada, experiência-armadilha em todas as escolas e de todas as faixas etárias.

Eu me enxergava em meus alunos, é fácil eu falar de lugar de encantamento quando já fui fisgada por ele, mas nem sempre foi assim, sempre me questiono enquanto docênciartística como fisgar o outro? Eu já estive dos dois lados, tanto da aluna como da professora.

É comum não gostarmos daquilo que não conhecemos. Encontrei resistência dos alunos com as aulas de dança em diversas escolas em que trabalhei. As aulas de Arte são desenvolvidas na maioria das escolas de educação básica sem despertar o interesse do

aluno pelo conteúdo ou atividade proposta, como também não esclarece o real sentido da arte em nossas vidas.

A visão do ensino da arte como passatempo, um momento para relaxar e não fazer nada, uma aula para desestressar, etc., é um dos primeiros paradigmas que a experiência-armadilha pode desfazer.

Em paralelo, enquanto eu estudava Dança, continuei participando do Corpo Composto. Algo que identifiquei durante o período de 2016 a 2019 é que o conhecimento da construção dos espetáculos quebrava uma aura mística que envolvia as produções artísticas, e revelavam a quem as praticava etapas da construção do conhecimento em arte, uma relação de afinidade entre a arte e eu.

É comum as pessoas admirarem as manifestações artísticas de outros e não se julgarem capazes de realizá-las? Como meus alunos se julgassem incapazes de realizar tal coisa, assim como eu mesma um dia. Há uma barreira limitadora, afirmada com bastante veemência pelos padrões sociais e que pode nos levar a negar a nós mesmos, negar a possibilidade de desenvolver um ato artístico expressivo.

Eu em um convite-desvio, convite-armadilha, convite- gancho os provava o contrário, por meio da minha própria experiência, que compartilhei com eles a todo o momento, enquanto artista do Corpo Composto e em minha prática como professora através dessa

identidade docênciartística, para que eles olhassem para mim, para minha história e se identificasse de alguma forma, buscassem forças, fossem impulsionados a ser e fazer o que eles quisessem.

Ou seja, para que todos os meus alunos ao longo da graduação, e partir daqui, eu formada, tivessem uma experiência, uma vivência que eles jamais se esquecessem, e levassem isso para vida, que talvez se descobrissem nesse universo e quisessem mergulhar profundamente, que fossem um momento que eles realmente desejassem, sendo artista ou estando artista.

Durante esse período de graduação em Dança no IF, eu fui gancheada também por outros modos de fazer arte, outros modos de fazer dança. Eu gostaria de citar seus nomes porque, de fato, quem eu sou enquanto professora de arte/dança tem um pedacinho de cada um deles: Giovana Consorte, Luciana Ribeiro, Roberto Rodrigues, Alexandre Guimarães, Susanna Sousa, Késia Oliveira e Marina Paccini.

Eles me inspiraram, eles são o espelho do que eu desejo ser enquanto professora. No entanto, também tive o oposto, o reflexo do que eu não quero ser jamais como professora e, diferente dos citados acima, esses eu acho melhor não citar.

Após a finalização do meu Ensino Médio eu estava bastante afetada pelas artistarias que vivi e ansiosa pelas que ainda viriam, mas criei uma expectativa por um reconhecimento que eu esperava e não recebi ao passar em uma faculdade federal, por ser o curso de Dança. Era como se fosse um “desperdício”, palavra que cheguei a ouvir de uma pessoa, então, o menosprezo, principalmente dos meus professores de Edificações e colegas de turma do Ensino Médio, era enorme, palpável e visível.

Outra frase recorrente era: “tenta outra coisa, se não der certo, faz Dança”. A Dança é o que eu realmente queria, porque ela não poderia ser a minha primeira opção? Isso me deixava muito triste. A vibração e comemoração de se passar em qualquer outro curso e Dança diferiam. Qualquer outro curso era melhor e eu não conseguia entender de onde via essa hierarquização dos cursos e onde tudo isso começou, foram poucos dias para isso gerar uma insegurança dentro de mim.

Meus pais sempre apoiaram a minha escolha pela Licenciatura em Dança, mas, ao mesmo tempo, eles tinham uma insegurança enorme em como seria a minha estabilidade financeira com essa profissão. Existiam muitas perguntas, uma má compreensão do que era o curso, e sempre vinham as perguntas: como será depois que formar?

O plano de carreira? Como você vai conseguir um emprego? Onde você pode trabalhar?

No momento inicial eu não tinha respostas para todas as perguntas dos meus pais, amigos e familiares ou até para as minhas próprias perguntas; ainda estava adquirindo a minha própria confiança a respeito daquilo que queria fazer.

Quando ingressei na Licenciatura em Dança comecei a compreender algumas nuances e sutilezas das dificuldades de ser artista/docente nesse país e, depois, isso foi deixando de ser apenas algo sutil e foi, a cada dia, se tornando mais real ao longo da graduação.

Agora eu não apenas via ou ficava sabendo de algo, mas eu comecei sentir na pele as dificuldades: má compreensão do que é o curso e um preconceito baseado em julgamentos próprios da baixa complexidade em relação ao curso, que refletia na desvalorização de todo meu empenho para permanecer na faculdade e conciliar com meu trabalho. Falo aqui de um recorte das escolas em que trabalhei, as quais querem ter a aula de dança, mas não querem nos contratar como professora e não nos asseguram minimamente nossos direitos trabalhistas.

A maioria dos profissionais da arte luta diariamente pelo seu espaço, valorização da profissão, e compreende a importância da nossa área como qualquer outro tipo de conhecimento, composto por suas complexidades e particularidades. Se você é estudante de dança, tenho certeza de que você já falou muitas vezes o nome do seu curso e experimentou diversas reações. Licenciatura em Dança. Sempre que falo ainda ouço um longo “Ahhhhhhhhhh, que legal!” (com uma cara que diz “não entendi o que é isso!”).

Eu gosto de responder só “Licenciatura em Dança” e não explicar o que é, mas a partir daí sempre vem uma fígada: com certeza eu não vou deixar passar em branco e perder a oportunidade de propagar e defender aquilo que tanto acredito.

As pessoas me dizem que falo sempre da Dança com muita paixão, e realmente eu falo mesmo, porque eu amo muito. Acho uma delícia a experiência de fígar alguém que, a partir dessa conversa, vai compreender melhor sobre meu curso, comentará com outras pessoas, que me indicará para algum trabalho, que me ajudará nas minhas lutas e angústias mediante à docênciartística, mais alguém com quem compartilhei meus encontros e alegria com a Dança.

É interessante como o processo de autoconhecimento foi guiado a cada ano, semestre e disciplina no curso de Dança. Era algo

muito conectado com cada semestre, em que trabalhava uma camada diferente de mim, então me conhecer e aprofundar nesse universo da Dança foi algo que a graduação me proporcionou. Acredito que a experiência de dançar impulsionou esse percurso do autoconhecimento, e somente eu poderia aprovar ou desaprovar minhas próprias escolhas.

Os Ateliês de criação em dança caminham no sentido de provocá-los a trazer tais experiências para desconstruí-las e, certamente, reconstruí-las de outros modos. [...] O foco é a troca de experiências entre os sujeitos, as danças e os espaços onde elas acontecem para que os mesmos conquistem autonomia para experimentar, A disciplina é desenvolvida com propostas de projetos artísticos bimestrais, com ênfase para os processos de criação. (GUIMARÃES, 2014, p. 03).

No curso de Dança do IFG – Aparecida de Goiânia os Ateliês são disciplinas, ofertadas semestralmente, desde o primeiro período até o penúltimo período do curso; meus primeiros semestres tiveram disciplinas bem teóricas, extremamente importante para minha formação, mas que não se concretizava no corpo, não me levava à sala de aula de dança, se é que você me entende. No início da faculdade meu anseio pela Dança, pela prática, pela sala de dança, era gritante. Os Ateliês em Danças Urbanas e Dança de Salão foram marcantes no início da graduação, as primeiras estéticas de dança que tive contato, onde produzi minhas primeiras composições coreográficas que apresentei, tanto em solo como em.

Algo que marcou o semestre e norteou todo ele, em minha perspectiva, foi a disciplina de Ateliê, muito aguardada por nós também, enquanto alunos do curso. Essa foi uma das primeiras facetas da minha identidade docênciartística, e a relação entre aprender e ensinar foi bastante significativo esse processo.

É importante ressaltar aqui também cada projeto que participei como monitora, os grupos de pesquisa: Balé para Adultos, Bolsista do Quem Sabe Dança, Voluntária PIBIC Lições Dançanatômicas, PIBIC Corpo Composto – proposta coreográficas e metodologias para adolescente e todos os cursos, encontros, simpósios, seminários, visitas

técnicas, apresentações artísticas e viagens que participei durante a graduação, foram modificando a minha atuação. Tudo isso fez diferença na minha graduação e enriqueceu minha bagagem.

A cada projeto algo dentro de mim se modificava, um aprendizado novo, amadurecimento, novas ideias e conceitos. A cada experiência uma professora nova, pesquisadora nova, uma nova postura em minha atuação enquanto docente, na condução das aulas, nas relações e escolha docente.

Esse foi meu **g a n c h o**, ir ao encontro, ao abraço de todos esses projetos, grupos de pesquisas, monitoria, me permitindo ser afetada e atravessada por cada um deles, sendo fisgada, agarrada. Participei de tudo que foi possível e isso não significa que eu me lotava

de coisas de forma inconsciente e irresponsável; eu me desdobrava para conseguir conciliar tudo, mas fazia.

Por eu nunca ter tido anteriormente acesso a nenhuma dessas oportunidades e experiências, eu me agarrei a tudo que a Instituição poderia me oferecer. Eu sabia que isso acabaria quando me formasse e que alguns acessos ficariam mais difíceis. Isso fez com esses quatro anos fossem muito proveitosos e não me arrependo da correria, eu fiz tudo que queria fazer.



Arquivo pessoal: Dança de Salão, 2016.

Na disciplina do 7º período de Ateliê Experimental compus uma performance chamada: Dan[C]ont[ar] minha história. Em meio a uma aglomeração de pessoas passantes, fisgo alguém e digo: “Você poderia me dá, 5 minutos do seu tempo para eu poder te contar, te dançar minha história?”

A narrativa da performance perpassa minha primeira experiência de subir em um palco para dançar pela primeira vez, no Festival de Artes da Cidade de Goiás, experiência citada no convite-desvio. Eu reconto essa história em um trabalho estético-político autoral. Retomando a responsabilidade para aquele que está com os fones de ouvido, em um aparelho eletrônico que contém uma gravação com minha voz narrando esse momento, me escutando e vendo dançar a minha história.

Após realizar essa performance várias vezes, me dei conta que é exatamente isso que eu quero que as pessoas vejam em minha trajetória e percebam como isso fez diferença na minha formação e como isso me transformou!

Nessa performance, ao fisgar um passante, uma das falas que mais me marcou após esse momento foi: “É de uma responsabilidade social contar a sua história para os outros, porque ao fazê-la, você acabou de trazer a responsabilidade para mim!”

A seguir deixo aqui o texto da performance. Ela foi um broto, ela é um transbordamento deste trabalho de conclusão de curso.

Eu nunca planejei ser artista...

Arrebatamento.

Fisgada.

Pegada de jeito.

Foi em 2015, no Festival de Artes da cidade de Goiás, que
me dei conta que não tinha fuga, só entrega! Eu só tinha
que me entregar.

Experienciar.

Apoderar-se de si.

Se jogar.

Resgatar-me em júbilo.

'Existir e ser plural'.



Repartir o acúmulo que me trouxe até aqui, subir no palco pela primeira vez para dançar. O Coletivo Gente Boa foi selecionado para o festival com a composição coreográfica:

Fricção com duração de 08 minutos.

Vou te mostrar alguns trechos...

A primeira vez a gente nunca esquece. Ainda posso fechar os olhos e sentir o técnico engatando a música, as pessoas chegando, se acomodando.

Eu respirando bem fundo. Borboletas enlouquecidas no meu estômago, minha mão suando, achava que ia entrar no palco e paralisar.

Eu ainda danço! Sou bailarina do Corpo Composto que é desdobramento do Coletivo Gente Boa. Eu entrei na graduação em dança em 2016 e nunca mais parei de dançar, desde do dia 08/11/2015, que inclusive é dia do meu aniversário.

A cada apresentação, ainda tenho borboletas enlouquecidas no meu estômago, minha mão ainda sua, eu tenho uma vontade enorme de gritar da coxia de tanta euforia que perpassa esse corpo.

Mas hoje, diferente da primeira vez, dos pensamentos negativos e da sensação que me dizia que ao entrar no palco eu iria paralisar.

Hoje eu quero entrar e me sentir gigante, pois é essa sensação que ele me traz da primeira vez e sempre me trás. E tá sendo agora dançando para você.
Eu nunca planejei ser artista....

Eu só me permiti viver isso, sem amarras a nada. Eu fui
fisgada! Assim como tanta gente aqui, eu escolhi você, só você
para ouvir minha história, para te dizer para optar sempre por
aquilo que faz seu coração vibrar.

Pela magia.

Pela excitação

O que você faz que te tornar gigante?

Faça isso!

Apodere-se de si.

Rebele-se.

Vai viver.

'Recombinando atos.

Recombinados passos.

Cada um, cada qual.

Conceber e conservar aguerrida entrega!"

E nada melhor virá.

Instabilidade inaugural - Traz para o início da aula por meio de instalações artísticas e performances, onde o corpo é o dispositivo central. Para assim estabelecer um canal de provocações e interações nos estudantes abrindo outras percepções e atuações corporais contribuindo com os processos criativos durante a realização do estágio. Provocar os alunos logo no início da aula e sem muito aviso prévio ou regra, capturá-los para um estado de atenção corporal ao espaço em que teriam aula, [...] convidou para um estado cenestésico criativo, sensível. (SANTOS, SILVA e RIBEIRO, 2020, p. 33).

Dentro dessa identidade de docênciartística, que fui construindo ao longo da trajetória, só pude vê-la no último estágio da faculdade. A cada estágio obrigatório, sendo quatro ao longo da graduação, fui compreendendo como inserir a identidade docênciartística na realidade escolar ou em um campo informal, na medida que ia ganhando maturidade sobre a professora de Dança que estava sendo formada.

Esse estágio surgiu por contornos singulares, na disciplina de Estágio IV do curso de Licenciatura em Dança. Ele foi realizado no próprio IF no segundo semestre de 2019; acompanhei e intervi na turma do segundo ano de Artes Visuais ministrada pela professora Ana Lúcia Siqueira.

O intuito maior foi propor possíveis diálogos e intersecções entre Dança e Artes Visuais e, assim, compreender a importância do diálogo da Dança com outras linguagens artísticas, oxigenando estratégias metodológicas para o ensino de Dança.

Com Aparecida Otaviano, minha fiel companheira, não somente nesse estágio, como nos demais, e em toda essa trajetória acadêmica, esse último estágio foi um misto de curiosidade, desejo, medo e ansiedade, algo que existia também por parte dos alunos, saber como seria esse diálogo entre a Dança e Artes Visuais.



Intromissão Estética - propõe um jogo de orientações, proposições e provocações lançadas pelas professoras estagiárias durante os processos criativos desenvolvidos pelos jovens ao longo das construções das instalações artísticas, Instalações essas que seriam a culminância do semestre letivo em Artes Visuais, de acordo com a proposta feita pela professora regente no início das aulas. Permeamos com dança, as pesquisas e construções, tendo o intuito de oxigená-las com inquietações e curiosidades advindas do universo da dança e que pudessem contribuir com o trabalho final da disciplina. (SANTOS, SILVA e RIBEIRO 2020 ,p.35)

Ter o Instituto Federal como nossa segunda casa, como campo de estágio, foi uma experiência singular. Aparecida e eu tínhamos contatos diferentes e tivemos a oportunidade de outras perspectivas durante o Ensino Médio, e os alunos uma oportunidade de partilha e construção mútua entre nós e eles.

Dentro dessa identidade docênciartística desenvolvemos uma proposta de uma postura/planejamento, reconhecendo tanto a Instabilidade Inaugural como as Intromissões Estéticas, como caminhos possíveis e fomentadores do diálogo entre Dança e Artes Visuais.

A Instabilidade Inaugural. O desafio. O convite. Cada aula de Artes Visuais iríamos iniciar de uma maneira diferente, provocar os alunos corporalmente, convidá-los a um estado de atenção de si, do outro e do espaço. Desse desejo costuramos a premissa primeira do nosso estágio.

Considerando que os alunos seguiam com os planos e feitura das instalações próprias, em um contato e desenvolvimento com as características e implicações das Artes Visuais, para além da Instabilidade Inaugural, cunhamos outro conceito durante esse processo, chamado Intromissão Estética. Assim, pude encontrar no meu último ano, mais especial ainda sendo minha casa, esse lugar

docente almejado e cultivado ao longo da graduação. Docênciartística, dançante, potente, efetiva e afetiva.

Convite-armadilha

A man in a teal t-shirt is seen from behind, carrying a woman in a red top. The woman's legs are raised in the air, and her hair is flowing. The background is a bright blue sky with several out-of-focus white light spots. A large, semi-transparent white circle is overlaid on the right side of the image, partially covering the couple.

O convite-armadilha
é o que me
surpreendeu, que já
estava dentro sem nem
perceber.



Convite-armadilha

O convite-armadilha chegou a mim, aos sete anos, para ser a mais nova integrante do Grupo Órion, da Igreja Batista Nascente em Maceió – Alagoas, cidade em que nasci. Lá foi meu primeiro contato com a dança. Já que eu acompanhava minha prima nos ensaios, lentamente me inseri neles, como uma penetra, e acabei participando do grupo, por ter uma boa memória corporal.

Eu decorava as coreografias rapidamente, ficava lá atrás do altar passando todas as sequências e isso chamou atenção da professora Jane Rose, a responsável pelo grupo. O processo desde o período como penetra até eu ingressar no grupo oficialmente foi de um ano.

Laço.

Emboscada.

“Um passo para uma armadilha.” (Djavan, Álbum: Seduzir – Faltando um pedaço, 1989).

Quando criança eu sempre ficava olhando fixamente para o mar e ficava imaginando e fantasiando o lugar onde o mar termina, então,

vim parar exatamente aqui, em Aparecida de Goiânia, onde o mar termina, onde não tem mar.

Convite aceito.

Não sei o que almejava encontrar quando criança, o que eu queria achar no fim do mar, mas esse primeiro convite-armadilha atuou como tentação. O lugar onde estou hoje, formada em Dança, era inalcançável para mim, para o lugar em que nasci; era luxuoso demais querer algo simplesmente porque amava.

“Ponha comida na mesa, apenas”. Era uma frase que a minha avó sempre falava, essa era a maior obrigação da vida. De fato, precisamos de comida e necessitamos de dinheiro para sobreviver ao caos que chamamos planeta Terra, mas eu sempre queria algo mais e além do que me ofereciam. O contentamento apenas de colocar comida na mesa não me cabia.

A emboscada já havia me pego em 2015, quando pela primeira vez subi em um palco aberto para dançar no Festival de Artes, na Cidade de Goiás, experiência descrita no convite-desvio. Eu já estava dentro dessa emboscada há alguns anos e não conseguia perceber que já tinha sido fisgada pela dança, a ficha de que a fisgada já tinha acontecido antes caiu só depois de um tempo.

Eu sempre tive fascínio pela Dança, não me lembro de onde isso vem. Sempre admirei quando via alguém dançando e sempre pensava “eu quero fazer isso também”.

Aos oito anos, levada pela maré de sonhos dos meus pais, viemos todos morar em Aparecida de Goiânia, eu, minha irmã e meus pais, sem sermos convidados, cobertos da total confiança de um penetra ao chegar na porta da festa. Entre os não, portas fechadas e, até mesmo expulsão da festa, ainda estamos aí, e seguimos.

Talvez no fim do mar eu imaginasse que seria possível ter a liberdade de ter meus próprios sonhos sem as limitações da dura realidade que vivia. E foi exatamente isso o que o lugar sem mar me trouxe.

Eu sempre me pego pensando que a oportunidade de estudar no IF foi um dos grandes presentes que essa cidade me deu. Às vezes, fico imaginando minha vida sem as experiências que a Instituição me proporcionou em paralelo à realidade e eu não consigo pensar como seria, não sei como seria sem as armadilhas e os convites que essa cidade me trouxe.

É a r m a d i l h a, arte marcada pela experiência no corpo, onde fui muito afetada. Percebendo meu corpo como expressão e lugar de identidade, um atravessamento muito forte que a arte fez no meu Ensino Médio.

O Corpo Composto sempre foi uma válvula de escape, mas para permanecer era necessário ter muito compromisso e dedicação. Nunca foi um fardo, sempre foram as melhores horas do meu dia, eu nunca tive tamanho sentimento de pertencimento antes.

Acreditada. O Corpo Composto teve um olhar para mim, que nem eu mesma tive, ele me deu o sentimento de pertencimento, me fez sentir parte de algo. O corpo como algo potente, me deu essa conquista: Meu corpo dança! Eu posso dançar!

A Licenciatura em Dança e o Corpo Composto, essas duas grandes experiências, me preparou para uma atitude de pesquisa na vida, quem participa ou já participou sabe que não tem como só receber, tem que se enfiar, tem que compor, se não, nos sentimos muito deslocado, tem que acompanhar o processo: figurino, iluminação, produção, etc.

Existe uma camada de afeto muito grande que acompanha o trabalho do grupo, o afeto nos equaliza. Dentro desse convite-armadilha com o Corpo Composto, gostaria de frisar um momento muito singular QUE o grupo me entregou, O FETO, Festival Estudantil de Teatro, em Belo Horizonte. [a]feto, o festival que tanto me afetou. Tivemos o prazer de participar do festival por dois anos consecutivos, em 2018 e 2019, com trabalho diferentes, primeiramente com

AdoleSendo e, no ano seguinte, com Q. Ainda, no ano de 2021, fomos selecionados com o trabalho AdoleSendo – confinados!

Em 2018 foi a primeira viagem do grupo, foi extremamente significativo para mim, pois, não ficamos restritos somente à programação do Festival. Conhecemos a cidade, os museus, galerias, sentávamos no meio da rua, na praça, para poder compartilhar o que estávamos vivendo, vendo, e o que se passava no nosso corpo naquele momento, como estava sendo toda aquela experiência.



Arquivo pessoal: Belo Horizonte, 2017.

(...) levantar essas questões sobre a prática e o desenvolvimento de metodologias que podem emergir por meio de artistas docentes que continuam atuando artisticamente, isso partindo do pressuposto de que essa atuação interfere no corpo que dança e no corpo que ensina, provendo-lhe uma intensificação sensorial que aqui será entendida como uma habilidade de expandir os sentidos e a percepção, e de abrir o corpo. (VELLOSO, 2017 p.41)

Capturada, abduzida, era assim que estava em Belo Horizonte. É assim que meu corpo fica durante os processos de criação e temporadas de apresentações artísticas do Corpo Composto. Como eu poderia definir essa sensação? O que se passa no corpo?

Entendo a fruição artística como uma experiência fundamental, a formação do docente o fazer artístico do professor e do aluno. Para ser possível as artistarias é necessário pensar em estratégias pedagógicas que tenham esse ponto como propulsor das aulas.

Essa atmosfera do que envolve processos de composição coreográfica e temporadas de apresentações nos leva para uma formação crítica que nesse período fica mais aflorada. Esse bichinho com o qual somos picados pode ser nomeado de intensificação sensorial. Há um direcionamento para essa atenção por meio da expansão dos sentidos e da percepção, que desenvolve outras visões de mundo.

No ano de 2019 fomos para Argentina para o VQV – Festival Mundial de Teatro, e, em seguida, fomos novamente para o Feto – Festival Estudantil de Teatro, em Belo Horizonte.



A apresentação que realizamos na Argentina foi bem marcante, eu esqueci de tinha um monte de gente assistindo. Estávamos com uma energia tão grande, tão conectados, que acredito que meus pares tenham a mesma sensação também.

Comecei identificar como essa intensificação sensorial faz com que a construção dos saberes seja afetada, e isso refina meu olhar para a docência, se eu me permitir, é claro; preciso ter esse desejo de potencializar minha prática através das minhas artistarias.

O ensino de arte no Ensino Médio me afetou tanto que aqui estou, me formando em Dança, contudo afetaram também meus colegas que se formaram e que estão se formando em Engenharia Civil, Veterinária, Relações Internacionais, Artes Visuais, etc.

A arte nos afeta, nos atravessa de alguma maneira, algo em nós se modifica e se transforma a partir do contato, da vivência, das experimentações. Ninguém permanece o mesmo!

O momento que percebi que fui gancheada pelo Corpo Composto foi na última apresentação com o elenco original de AdoleSendo durante a circulação do espetáculo no projeto De Escola p/ Escola, no Sesc Centro em Goiânia. Com o Corpo Composto tudo aconteceu tão rápido, em tão pouco tempo já tínhamos realizado tantas coisas. Penso que ninguém imaginava que seria dessa forma; as coisas iam acontecendo e, às vezes, era difícil acreditar como fomos

adquirindo e conquistando tão repentinamente as produções de espetáculos, aprovações em festivais (inter)nacionais, prêmios e pesquisas.

No momento que percebi o gancho eu estava na coxia, e então começou passar um filme na minha cabeça das coisas que já tínhamos feito enquanto grupo, como tudo começou, como tudo aconteceu para termos chegado até aquele instante. Eu estava em um momento bem nostálgica, pois era a despedida do primeiro elenco.

Foi ali que percebi o convite-gancho da Licenciatura em Dança também, e como tudo isso se deu por meio do Corpo Composto, que é o convite que abraça os demais convites. Foi a partir dele que vieram todas as experiências do recorte que descrevo em todo o decorrer deste trabalho é o CC que me leva à graduação em Dança.

Eu me recordo da Rose me perguntando se eu estava bem, se eu estava nervosa; estava sim também, claro, mas tudo isso estava passando pela minha mente naquele momento aquela apresentação foi tão mágica, tão especial.

Antes de iniciarmos as aulas no curso de extensão, lá em 2015, durante os horários de intervalo pelo corredor do IF, ensaiávamos a composição Fricção. Karol, após eu terminar de ensinar a sequência com ela, me disse: “Você vai ser uma futura Rose!”

Eu só ri naquele momento. Hoje entendo que, na verdade, o que ela quis me dizer com aquela frase é que eu seria uma boa professora. Depois que ingressei na graduação em Dança ouvir dela novamente: “Como você se sente sendo uma Rose agora!” Eu disse: “Como assim, Karol? Eu não sou a Rose! (risos)”. Acredito que o que ela queria dizer era: como você se sente se formando para ser professora de Dança?

Desde 2016 eu passei por várias escolas, com diversos alunos que foram me construindo enquanto professora e continuam me formando. Nada está inacabado na identidade docênciartística. A primeira vez que fui chamada de professora aconteceu nas aulas do Corpo Composto. PRO-FES-SO-RA. Reconhecimento. Percebi que após ingressar na Dança o grupo me enxergava um pouco diferente.

Clara Izabel, integrante do grupo e minha parceira do elenco Q, do Corpo Composto, sempre me chamou de professora desde que nos conhecemos, ela sempre me enxergou assim, antes mesmo de contracenamos juntas. Ela me cumprimentava assim: “Oi, professora Larissa!”. Foi ela quem me chamou professora pela primeira vez na vida.

Em 2019 cheguei mais cedo no IF com objetivo de escrever este trabalho, inclusive, de fazer atividades da graduação, leituras, um mundo de coisas, e na verdade nem tinha me dado conta que era segunda-feira e tinha ensaio do Corpo Composto. Rose acabou

chegando atrasada devido a alguns transtornos na rua, e, por coincidência ou não, eu estava lá.

Peguei a chave da sala a pedido dos alunos. Quando retornei todos estavam com as cadeiras na porta da sala me esperando. As cadeiras são um aparato de uma das cenas do espetáculo AdoleSendo. Entreguei a chave para eles e entrei na sala ao lado, afinal, eles mesmos disseram que orientação dada era ir se alongando e ensaiando. Voltei para sala ao lado e tentei fazer minhas coisas. Clara passou pelo corredor e gritou: “bora, professora!” (em tom de zoação).

Eu estava louca pra ir lá e era somente isso que eu precisava. Naquele momento me dei conta que ali era início, meio, fim, recomeço e ponto de partida: tudo é o Corpo Composto.

Fui. Estava com uma saudade enorme dos ensaios. Afinalização do curso estava me tomando tempo, e eu já não conseguia conciliar com o Corpo Composto. Quando vi, acabei ficando por lá, dirigindo o alongamento, o ensaio todo, como em algumas oportunidades, repassando coreografia e, ao final do ensaio, uma menina que nunca vi antes e que provavelmente ingressou no ano de 2018, me cutucou e disse: “Professora pega meu sapato, por favor!”

Naquele momento fez um click para mim. Eu fui consolidada como professora por meio desse grupo; refleti o quanto gostava de estar em uma sala de aula de Dança, daquele ambiente, da energia

daqueles adolescentes, mais do que passar horas e horas, sentada dentro de um escritório projetando uma casa.

Sou fruto desse projeto pedagógico desde 2016, que me surpreende e me deixa dentro sem nem perceber, que me atravessa completamente. É o convite principal que abraça os outros convites.

Como ilustram as imagens a seguir, alguns integrantes foram embora, se formaram, outros permanecem até hoje. De alguma forma, o grupo de pesquisa em dança Corpo Composto deixa marcas significativas em nossas vidas e, independente do rumo de nossas andanças, saímos por aí caminhando com os três pontos de apoio no pé.



Arquivo pessoal: Estar artista, 2019.



O selo do convite

As artistarias me fisgaram, me capturaram, me atravessaram, me surpreenderam, me modificaram, e elas afetaram diretamente minha prática como docente. Só com a finalização do curso que tomei consciência de como elas são/foram de extrema importância para minha formação.

O meu olhar para essa trajetória já se fazia diferente desde o início, eu sabia que a maneira como eu construí essa formação de quatro anos dependia de mim, da minha condução, do meu proveito, da minha entrega, mas isso foi algo que o próprio Corpo Composto me ensinou.

Meu professor de Geografia do Ensino Médio me confessou em uma conversa alguns desafios no início da sua carreira e algo que ele disse me chamou atenção: “... no início eu dava muita aula ruim”. Comecei dar aulas a partir do segundo semestre da faculdade e, para mim, foi importante assumir essa função mesmo sem saber nada, com tantas coisas ainda para aprender.

Foi importante assumir que o início seria ruim e que eu daria muitas aulas ruins. Essa postura despretensiosa sobre mim mesma fez

total diferença porque eu tinha sede para fazer o possível para dar menos aulas ruins no início da caminhada.

Construí uma rede de apoio com os meus professores da faculdade e com minha orientadora de estágio, Danyella Aguiar, responsável por mim na instituição, que me acompanhava para eu poder compartilhar minhas ideias, dúvidas e dificuldades nesse processo.

Essa postura fez com que durante toda a minha formação em Dança eu refletisse que tipo de professora de arte eu sou? Não é isso o mais importante? Refletimos sobre que tipo de professores somos e que tipo de contribuição realizamos nas vidas de nossos alunos.

As influências que recebi dos meus professores do Ensino Médio e da graduação em Dança são pautadas na experiência e armadilha, e essa é um dos pilares mais fortes da minha identidade docente, em minhas aulas, minha metodologia. Eu sei o quanto isso me provocou, o que as artistarias me proporcionaram, as experiências singulares, como isso reverberou em minha vida.

O selo do convite é uma presença em sala de aula, que reverbera nas minhas escolhas metodológicas e pedagógicas, permito que ela seja porosa, dou vazão a sua maleabilidade, a considero aberta.

Enquanto docente, sempre estou desejosa de outros formatos de ensino, compreendendo que ensinar é a imersão em processos artísticos

e produções estéticas. Nessa estreita relação entre arte e ensino existe uma oportunidade ímpar de descobertas, uma oportunidade única de ensino-aprendizagem.

O que marca uma experiência? O que diferencia uma da outra? Eu vivi muitas experiências, mas que não chegaram em um memorial duradouro; não que todas as experiências precisem chegar nesse lugar, mas a questão aqui é o que fizeram as outras para serem tão significativas.

A própria vida com seus desequilíbrios, a experiência que quebra a rotina, em uma perspectiva sensorial como uma possibilidade educativa em arte. A experiência nessa troca consciente entre eu e o mundo, a pessoa que observa e vive a obra.

A arte é essa experiência em si de troca e a pergunta que fica é qual formação estética, artística e pedagógica eu quero construir em minhas aulas? Que tipo de traço de aula eu tenho construído? Que Dança é essa que ensino? Que docênciartística é essa? Que tipo de professora eu sou? As artistarias e experiências em seus afetos me afetaram e agora eu conduzo isso com os meus alunos. Crio outras oportunidades para que eles tenham as experiências deles como acontecimento de arte.

Por meio dessa identidade docênciartística que construí, e que continuamente ainda se construirá, que sigo na postura de me permitir

ser atravessada pelas artistarias que encontrei e os convites que ainda virão a seguir.



Arquivo pessoal: O eterno abraço, 2018.

Considerações Finais

Início as considerações finais deste trabalho da mesma maneira como fiz durante seu processo de construção: um exercício de reflexão e transformação. Penso nos atravessamentos que me constituem como docente, artista, docênciartística, artista da dança, professora de dança, pesquisadora da dança para além do sentido literal, do ato ou efeito de atravessar, que envolve travessia e traspassamento; passar cruzando por entre partes ou lados. Esses processos de cruzamentos, emaranhados que desenvolvi foram aprendizados para mim.

Nesta pesquisa, minha intenção foi, e ainda é, refletir sobre como a minha trajetória poderia contribuir para minha identidade docente, entendendo-a como um processo de transFORMAÇÃO. Para isso, apresentei relatos de minhas experiências artísticas e estéticas, minhas artistarias. Escrever os relatos das artistarias por meio dos convites me ajudou a estruturar e refinar ideias e argumentos, refletindo sobre como esses relatos interferem diretamente na minha identidade docênciartística.

Entendi como o meu percurso de estudante, professora, pesquisadora é relevante para minha formação, é como uma fonte de energia que sempre me recarrega. Se por vezes me senti insegura e ansiosa ao relatar minhas experiências, ao pesquisar e aprender a partir da autoetnografia, reconheço, também, o quanto compreendi a importância de questões “corriqueiras” e, aparentemente, irrelevantes na minha formação e construção social. Aprendi a observar os ambientes e contextos nos quais estou inserida e as possibilidades que constituem a minha formação, que me instigam a refletir, a mudar de opinião. A partir de dúvidas, conflitos e angústias, situo e reposiciono o meu lugar no mundo.

Percebi como todas essas artistarias continuam reverberando dentro de mim e como elas sempre me impulsionaram. Foi assim no momento de construir a primeira ideia para esta investigação. Recordo-me de maneira crítica, como fui afetada por esses convites e o quanto eles me constituem nessa identidade de professora de dança. Pude compreender melhor essa trajetória à medida que ia me reconstruindo por meio desta pesquisa autoetnográfica, entre idas e vindas. Fui fazendo escolhas, identificando possíveis pontos de conexão e percebendo aspectos e momentos da minha formação à medida que refazia o caminho.

A perspectiva da experiência é muito importante nas trajetórias docentes, pensar como a arte de fato atravessa, prova e, inclusive, permite desvios formativos dessas trajetórias. É um alerta para pensar os atravessamentos, problemas e potenciais da dança na formação humana e uma

busca por iniciativas do ensino da dança com criação artística, experiência e fruição artística e estética. Tenho consciência que de alguma maneira esta pesquisa me forma aqui, mas ainda tenho muito a aprender. Essa etapa se conclui, mas a resistência e a criação continuam!

Referências

- ALVES, N. Formação de docentes e currículos para além da resistência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 71, p. 1-18, 2017. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/qcCz9xPVpV5gb6dWSwSfYSg/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 13 jan. 2022.
- DANTAS, Mônica Fagundes. Ancoradas no corpo, ancoradas na experiência: etnografia, autoetnografia e estudos em dança. **Urdimento**, v. 2, n. 27, p. 168-183, Dez. 2016. Disponível em <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/8731>> Acesso em: 13 jan. 2022.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. Tradução: Vera Ribeiro. São Paulo, Martins Fontes. 2010.
- CONSORTE, Giovana; FERREIRA, Rousejanny (Org). Discutindo juventudes: microrrevoluções entre a cultura e a educação. In: SANTOS, Larissa Pascoal da Silva; SILVA, Aparecida Otaviano da; RIBEIRO, Luciana Gomes. **Juventudes, que estágio foi esse?** Catu. Bordô-Grená, 2020. Disponível em <<https://www.editorabordogrena.com/publica%C3%A7%C3%B5es2020>> Acesso em: 13 de janeiro de 2022.
- FORTIN, Sylvie. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. **Revista Cena**, Porto Alegre, n. 7, p. 77-88, 2009. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/cena/article/view/11961/7154>> Acesso em: 13 jan. 2022.
- GUIMARÃES, Alexandre; BRAGA, Mônica Mitchell de Moraes. **Stencil no câmpus**: uma proposta de ocupação e emancipação através do habitar, sentir e olhar. II Congresso internacional e XXVI Congresso nacional da federação de arte/educadores do Brasil. Ponta Grossa, 2014. Disponível em <<https://faeb.com.br/admin/upload/files/2014atualCONFAEB.pdf>> Acesso em: 13 jan. 2022.
- HALL, Stuart **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. Disponível em <https://leiaarqueologia.files.wordpress.com/2018/02/kupdf-com_identidade-cultural-na-pos-modernidade-stuart-hallpdf.pdf> Acesso em: 13 de janeiro de 2022.
- LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Trad. Cristina Antunes e João Wanderlei Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- ONO, Fabrício Tetsuya Parreira. Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares In: **Possíveis contribuições da autoetnografia para investigações na área de formação de professores e formação de formadores**. Veredas online – temática – 1/2018 – PPG Linguística/UFJF – Juiz de Fora. Disponível em <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/27956>> Acesso em: 13 jan. 2022.

PIZARRO, Diego (Org.). Ensino-pesquisa em extensão: processos de composição em dança na formação do docente-artista. In: VELOSSO, Marila. **Intensificação sensorial em espaços de compartilhamento**: o docente e o artista vivenciando continuidade em processos de criação. Brasília: Ed. IFB, 2017.

PRIMO, Rosa. Artista docente: incursões e mutações nos modos de existência. **Ouvirouver** Uberlândia, v. 10, n. 2, p. 196-204, jul-dez, 2014. Disponível em < <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/27850> > Acesso em: 13 jan. 2022.

ROCHA, Thereza. **Por uma docência artista com dança contemporânea**. In: GONÇALVES, Thaís; BRIONES, Héctor; PARRA, Denise; VIEIRA, Carolina. (Org.). Docência artista do artista –docente: Seminário Dança Teatro Educação. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2012.

RODRIGUES, Roberto. A construção de saberes em dança a partir das experiências dos ateliês de criação em dança: relatos de uma trajetória docente na licenciatura em dança do IFG/Campus Aparecida de Goiânia. **Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – ANDA**. Salvador: ANDA, 2019. p. 1852-1858. Disponível em < <https://proceedings.science/anda/anda-2019/papers/a-construcao-de-saberes-em-danca-a-partir-das-experiencias-dos-atelies-de-criacao-em-danca--relatos-de-uma-trajetoria-do> > Acesso em: 13 jan. 2022.



**INSTITUTO FEDERAL
DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
GOIÁS

Documento Digitalizado Público

TCC versão final (TCC II)

Assunto: TCC versão final (TCC II)

Assinado por: Gracielly Prado

Tipo do Documento: Documento de Formalização de Demanda

Situação: Finalizado

Nível de Acesso: Público

Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Gracielly Silva Prado, AUX EM ADMINISTRACAO**, em 14/09/2022 12:35:12.

Este documento foi armazenado no SUAP em 14/09/2022. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 331859

Código de Autenticação: 2ddafee3d9

